

A DIPLOMACIA DE TRUMP PARA A RÚSSIA E A UCRÂNIA ENTRE NARRATIVAS E PRÁTICAS ASSIMÉTRICAS

Maria Raquel Freire¹

INTRODUÇÃO

Desde o colapso da União Soviética, a triangulação diplomática entre os Estados Unidos da América (EUA), a Rússia e a Ucrânia tem sido marcada por tensões crescentes sobre a arquitetura de segurança europeia e a soberania ucraniana. A política externa da segunda Administração Trump revelou, ao longo de 2025, uma assimetria fundamental na abordagem à guerra de agressão russa na Ucrânia. Enquanto a Rússia tem beneficiado de uma narrativa de acomodação progressiva das suas exigências maximalistas, a Ucrânia tem enfrentado pressão concreta através da suspensão de assistência militar e de apoio tecnológico, a par da sua responsabilização pelo impasse negocial. Num contexto de guerra de agressão, este padrão favorece claramente o agressor, submetendo a Ucrânia a um jogo de sobrevivência difícil de jogar. Este artigo argumenta que esta assimetria é produzida e legitimada através da interação entre narrativas dominantes, nomeadamente, Trump como pacificador excecional, equivalência moral entre agressor e agredido, a Rússia como parceiro com preocupações legítimas, e também de práticas diplomáticas moldadas por divisões internas na Administração e pela subordinação de princípios normativos a considerações transacionais de curto prazo. Através da análise de documentos e discursos oficiais ao longo de 2025, o artigo mostra como narrativas e práticas se reforçam mutuamente na produção de uma política que tem favorecido os interesses russos, estabelecendo precedentes preocupantes

RESUMO

Este artigo analisa a política externa da segunda Administração Trump com enfoque na guerra de agressão russa na Ucrânia, identificando uma assimetria fundamental que favorece sistematicamente a Rússia. O artigo argumenta que esta assimetria é produzida e legitimada através da interação entre narrativas dominantes – Trump como pacificador excecional, equivalência moral entre agressor e agredido, a Rússia como parceiro com preocupações legítimas – e práticas diplomáticas moldadas por divisões internas e subordinação de princípios normativos a considerações transacionais. Através da análise de documentos e discursos oficiais ao longo de 2025, o artigo mostra como narrativas e práticas se reforçam mutuamente na produção de uma política que estabelece precedentes preocupantes para a ordem internacional baseada na inadmissibilidade de ganhos territoriais pela força.

Palavras-chave: política externa dos Estados Unidos, Rússia, Ucrânia, assimetria diplomática.

ABSTRACT

**TRUMP'S DIPLOMACY
TOWARD RUSSIA AND
UKRAINE: BETWEEN
NARRATIVES AND
ASYMMETRIC PRACTICES**



This article analyses the foreign policy of the second Trump administration with a focus on Russia's war of aggression in Ukraine, identifying a fundamental asymmetry that systematically favours Russia. The article argues that this asymmetry is produced and legitimised through the interaction between dominant narratives – Trump as an exceptional peacemaker, moral equivalence between aggressor and victim, and Russia as a partner with legitimate concerns –, and diplomatic practices shaped by internal divisions and the subordination of normative principles to transactional considerations. Through the analysis of official documents and speeches throughout 2025, the article demonstrates how narratives and practices mutually reinforce each other in producing a policy that establishes concerning precedents for the international order based on the inadmissibility of territorial gains by force.

Keywords: United States foreign policy, Russia, Ukraine, diplomatic asymmetry.

para a ordem internacional baseada na inadmissibilidade da aquisição de território pela força.

O artigo está organizado em três secções. A primeira mapeia a evolução das relações entre os EUA, a Rússia e a Ucrânia ao longo de 2025, identificando as principais linhas de atuação e a forma como estas definem padrões de tratamento diferenciado que revelam as preferências da Administração Trump. A segunda secção analisa o processo negocial através das propostas de paz mais relevantes, demonstrando como cada momento de negociação se revelou mais próximo de acomodar as posições russas, culminando no plano de 28 pontos que várias vozes criticaram como tendo sido pensado e redigido «em russo». Por fim, o artigo analisa as divisões internas na Administração Trump e o modo como vozes críticas foram sendo gradualmente marginalizadas, permitindo a ascensão de figuras sem experiência diplomática, mas alinhadas com a preferência presidencial por proximidade com Moscovo. O artigo conclui que estas linhas de atuação revelam não só uma assimetria com base em pressupostos que minam a capacidade negocial ucraniana, mas também implicações para a redefinição normativa da ordem internacional.

A GEOMETRIA ASSIMÉTRICA DA DIPLOMACIA TRUMP

Nos meses iniciais do mandato de Donald Trump as relações com a Rússia e a Ucrânia foram marcadas por uma narrativa que posicionava o Presidente dos EUA como uma figura indispensável nas negociações de paz. Descrito como único mediador capaz de conseguir o que administrações anteriores não conseguiram, a centralização da diplomacia na figura de Trump torna-se evidente. A personalização da política contrasta com a abordagem institucional que caracterizou a política externa da anterior Administração Biden. O objetivo de criar uma «aura de paz» que permitisse a Trump mediar a assinatura de um cessar-fogo, declarar vitória e retirar a questão da Ucrânia da agenda doméstica, serve os seus interesses, independentemente do destino da Ucrânia, uma vez que esta é descrita como «uma guerra de Biden, sem apoiantes ou qualquer interesse na base de apoio de Trump» (Belin, 2025). A limitação das capacidades ucranianas através do corte do apoio militar e de *intelligence*, face ao alívio das sanções e de incentivos económicos à Rússia para um acordo de cessar-fogo, é ilustrativo. Esta inconsistência, contudo, é naturalizada através da narrativa de que Trump está a tentar alcançar a paz por todos os meios. Além do mais, a «[A]dministração Trump parece querer trocar a Ucrânia – e até mesmo o papel dos EUA na segurança europeia – pela cooperação russa

numa variedade de questões extraeuropeias, incluindo os recursos do Ártico, as negociações sobre armas nucleares, o Irão, a Coreia do Norte e a Síria» (Ibidem)².

A 12 de fevereiro de 2025, os presidentes dos EUA e da Rússia, Trump e Putin, respetivamente, conversam pela primeira vez (via telefone) desde o regresso de Trump à Casa Branca. Trump refere a necessidade de trabalharem juntos e iniciarem negociações imediatamente pois «como ambos concordamos, queremos impedir os milhões de mortes que ocorrem nesta guerra». Trump comentou, neste contexto, que o Presidente Putin até referiu na conversa o seu lema de campanha «SENSO COMUM»³ para se referir à necessidade de negociações (The

Moscow Times, 2025). Esta abordagem representa uma rutura com a política do anterior Presidente Biden de envolvimento mínimo com Moscovo. Simultaneamente,

ESTA ABORDAGEM REPRESENTA UMA RUTURA COM A POLÍTICA DO ANTERIOR PRESIDENTE BIDEN DE ENVOLVIMENTO MÍNIMO COM MOSCOVO.

Trump descreve Zelensky como obstáculo às negociações. O secretário da Defesa Pete Hegseth, nesse mesmo dia na sede da Aliança Atlântica em Bruxelas, rejeitou o objetivo da Ucrânia de recuperar todo o território perdido desde 2014 como «irrealista», minando efetivamente a posição negocial de Kyiv. Hegseth também excluiu explicitamente a adesão da Ucrânia à Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO, na sigla inglesa), cedendo a uma exigência russa de longa data ainda antes das negociações terem lugar, e anunciou que quaisquer tropas da NATO ao serviço na Ucrânia não estariam cobertas pelas disposições de defesa coletiva do Artigo 5.º (Politico, 2025b).

As referências à liderança ucraniana por parte da Administração Trump demonstram dureza. A reunião «quente» entre os dois líderes que decorreu no Salão Oval a 28 de fevereiro de 2025 foi ilustrativa. Trump chamou Zelensky de «ditador» e o Vice-Presidente Vance desafiou agressivamente Zelensky a agradecer o apoio norte-americano. Trump acrescentou ainda que Zelensky «deveria estar mais agradecido, porque, deixe-me dizer, não tem as cartas [do seu lado]» (Lindsay, 2025; NBC News, 2025). Os termos colocados a Zelensky, como quando Trump refere «[o]u faz um acordo [minérios raros] ou estamos fora, e, se estivermos fora, terá de lutar. Eu não acho que vá ser bonito» (King's College London News Centre, 2025), demonstra o tom de coação que preside à gestão da relação. A reunião terminou abruptamente quando Trump cancelou a conferência de imprensa e Zelensky deixou a Casa Branca. Na sequência deste incidente diplomático, Trump publicou na Truth Social que Zelensky «não está pronto para a paz» e acrescentou «ele desrespeitou os Estados Unidos da América no seu querido Salão Oval. Pode voltar quando estiver pronto para a paz» (Cleary, 2025). A responsabilização seletiva torna-se aqui explícita, uma vez que Zelensky é caracterizado como ingrato e obstáculo, enquanto Putin é tratado como «parceiro».

A 11 de março de 2025 realizou-se uma negociação na Arábia Saudita na qual a expressão «paz pela força» ganhou visibilidade nas declarações oficiais que sublinharam que «à medida que procuramos a paz, a nossa nação também demonstra força» (U.S. Depart-

ment of State, 2025c). A delegação ucraniana expressou prontidão para aceitar a proposta norte-americana de um cessar-fogo interino imediato de trinta dias, «que pode ser estendido por acordo mútuo das partes, e que está sujeito à aceitação e implementação em termos recíprocos pela Federação Russa» (U.S. Department of State, 2025a). Os EUA referiram ainda que a pausa na partilha de informações e a assistência de segurança à Ucrânia seriam retomadas de imediato, mostrando o ziguezaguear da postura política. A decisão de Trump de não envolver os aliados nas conversações para formar uma posição negocial unificada «foi recebida como uma afronta chocante», embora destacasse «o desejo da Administração de ação rápida e de procura de resultados rápidos (neste caso, um cessar-fogo e a normalização das relações EUA-Rússia)» (Kochis, 2025). Esta perspetiva, em que Trump admite que «esta guerra é muito mais importante para a Europa do que para nós – temos um oceano grande e lindo a separar-nos» (*Ibidem*, p. 30), justifica um distanciamento estratégico que desafia a expectativa europeia de solidariedade transatlântica face a uma ameaça considerada de importância crítica para a segurança do continente.

O Presidente Putin não assinou o cessar-fogo, embora tenha concordado com uma proposta provisória para suspender os ataques contra as infraestruturas energéticas por um período de trinta dias, e que as negociações técnicas sobre a implementação de um cessar-fogo marítimo no mar Negro e de um cessar-fogo total envolvendo as forças terrestres começariam de imediato. Foi ainda acordada a transferência de prisioneiros de guerra. Contudo, a Rússia acrescentou como condição para o avanço das negociações a necessidade de eliminar as causas profundas da guerra, bem como o cessar de toda a ajuda militar e de *intelligence* a Kyiv (Mills, 2025). A reciprocidade russa não se materializou, com as condições de Putin a fazerem crer que este pretendia apenas tempo para consolidar os ganhos territoriais obtidos.

A distância entre a promessa de resolução rápida e a realidade das divergências torna-se incontornável. A Rússia mantém exigências maximalistas de reconhecimento formal das anexações territoriais, neutralidade permanente da Ucrânia, desmilitarização substancial e exclusão definitiva da adesão da Ucrânia à NATO. A posição russa tem sido moldada por um nacionalismo estratégico que marca as suas políticas. Como observam Jasmin e Hosen, Putin «enquadró a Rússia como vítima de exploração ocidental e da expansão da NATO, o que ajudou a criar uma mentalidade de “nós contra eles”» (Jasmin & Hosen, 2025). Esta narrativa torna qualquer concessão significativa politicamente enquadrada na Rússia, independentemente da pressão dos EUA. A formulação «a bola está no campo da Rússia», repetida por Rubio em várias ocasiões, ilustra a naturalização da ideia de que um cessar-fogo nas posições atuais é o ponto de partida óbvio e razoável, não reconhecendo que consolida ganhos territoriais ilegítimos; legitima a proposta americana como equilibrada e pragmática; e leva a uma responsabilização seletiva ao enquadrar qualquer rejeição russa como teste da sua boa-fé, sem aplicar o mesmo escrutínio às concessões que a proposta exige da Ucrânia.

O primeiro e único encontro face a face até final de novembro entre Trump e Putin realizou-se a 15 de agosto de 2025 em Anchorage, no Alasca. Trump descreveu a reunião como «extremamente produtiva» e anunciou planos para uma cimeira subsequente em Budapeste envolvendo Putin e Zelensky, que não se chegou a concretizar, como veremos adiante. Marco Rubio comentou sobre a densidade e dificuldade das conversações relativas às linhas territoriais, e as questões sobre garantias de segurança a longo prazo e com quem a Ucrânia pode ter alianças militares, acrescentando: «acredito que fizemos progressos na redução do conjunto de questões, mas ainda há muito trabalho a fazer» (U.S. Department of State, 2025e). A reunião representou uma conquista diplomática significativa para a Rússia, que tinha estado isolada dos líderes ocidentais desde a invasão em larga escala de fevereiro de 2022. Marco Rubio, numa entrevista à CBS, após este encontro, deixou clara a dificuldade do caminho.

Vamos concentrar-nos nisto: vão parar de lutar ou não, e o que será necessário para terminar a guerra. [...] ambos os lados terão de ceder e ambos os lados deverão esperar obter algo com isto. E isso é uma coisa muito difícil de fazer. É muito difícil porque a Ucrânia obviamente se sente prejudicada, e com razão, porque foi invadida; e do lado russo porque sentem que ganharam impulso no campo de batalha e, francamente, não se importam – não parecem importar-se muito com quantos soldados russos morrem nesta guerra. [...] Portanto, penso que o Presidente [Trump] merece muito crédito pela quantidade de tempo e energia que a sua Administração está a dedicar para chegar a um acordo de paz para uma guerra que não começou sob a sua presidência. Está do outro lado do mundo. Dito isto, quero dizer, é relevante para nós, mas há muitas outras questões nas quais ele se poderia concentrar. (U.S. Department of State, 2025d)

Contudo, após a cimeira, o enviado especial para a Ucrânia, Steve Witkoff, fez declarações que geraram controvérsia. Falando na CNN, afirmou que a Rússia tinha concordado em permitir «proteção semelhante ao Artigo 5.º» para a Ucrânia (Aitken, 2025) caracterizando isto como a primeira aceitação de Moscovo de garantias de segurança ocidentais para Kyiv. Esta afirmação revelou-se problemática, uma vez que o que a Rússia tinha realmente sugerido eram «condições semelhantes às que ofereceu em 2022 durante as conversações de paz fracassadas em Istambul – que a Ucrânia poderia ter uma chamada força de dissuasão, mas que a Rússia teria direito de veto quando esta fosse usada» (Politico, 2025). Witkoff também anunciou que a Rússia tinha feito concessões territoriais significativas. Contudo, a proposta real da Rússia envolvia congelar as linhas de batalha existentes em Kherson e Zaporizhia, mantendo controlo total de Luhansk, de Donetsk e da Crimeia. Oficiais europeus e ucranianos não consideraram isto como um compromisso real, havendo mesmo vozes que contrariaram a informação comentando nunca ter havido uma discussão nestes termos que levasse a um compromisso sobre as regiões, o que legitimaria a conquista

territorial e exigia que a Ucrânia se retirasse de posições que mantém sem concessões recíprocas russas (*Ibidem*).

O que se segue à Cimeira do Alasca mostra que o otimismo de Trump não se traduziu em progresso concreto. O facto de Trump ter cancelado a cimeira planeada para Budapeste, que daria seguimento às conversações, é prova clara. Trump admitiu frustração com os resultados. «Cancelámos a reunião com o Presidente Putin. Simplesmente não parecia certo este encontro. Não parecia que chegaríamos onde precisamos de chegar. Então cancelei, mas faremos isto no futuro», disse Trump. E acrescentou: «Cada vez que falo com o Vladimir, temos boas conversas, mas depois não vão a lado nenhum. Simplesmente não vão a lugar nenhum» (Ellyatt, 2025). Duas semanas após o encontro no Alasca, afirmou: «Não estou satisfeito com nada que tenha a ver com esta guerra» (Al Jazeera, 2025a). O cancelamento desta cimeira representa a admissão de que, após meses de diplomacia intensiva e de uma narrativa de otimismo sobre a iminência de um acordo, as partes mantêm posições irreconciliáveis. Disto se torna evidente o comentário de Trump de que «temos de saber se vamos fazer um acordo. Não vou perder o meu tempo. Sempre tive um ótimo relacionamento com Vladimir Putin, mas isto tem sido muito dececionante» (Ellyatt, 2025).

A narrativa foi-se ajustando progressivamente para enfatizar a intransigência ucraniana como explicação para o impasse. Esta externalização da responsabilidade permite

A NARRATIVA FOI-SE AJUSTANDO
PROGRESSIVAMENTE PARA ENFATIZAR A
INTRANSIGÊNCIA UCRANIANA COMO EXPLICAÇÃO
PARA O IMPASSE. ESTA EXTERNALIZAÇÃO
DA RESPONSABILIDADE PERMITE MANTER
A NARRATIVA DE QUE TRUMP SERÁ CAPAZ
DE ALCANÇAR UM ACORDO.

manter a narrativa de que Trump será capaz de alcançar um acordo. Contudo, em outubro, a Administração norte-americana impôs sanções ao sector energético russo, dirigidas às duas maiores empresas, a Lukoil e a Rosneft. Medvedev comentou então que «Trump alinhou agora totalmente com uma Europa insana» (*Ibidem*). O timing e as circunstâncias destas san-

ções, que coincidiram com o cancelamento da Cimeira de Budapeste e foram concretizadas após meses de pressão doméstica e internacional, sugerem que servem mais como concessão tática para manter apoio político do que como parte de uma estratégia coerente de pressão económica sobre Moscovo. O contínuo ziguezaguear de Trump na narrativa sobre esta guerra parece demonstrá-lo, patente nas reações que se seguem à proposta dos 28 pontos, que veremos em seguida, e em que Trump acusa a Ucrânia de «zero gratidão» e os europeus de continuarem a comprar petróleo à Rússia (Lukiv, 2025).

A trajetória diplomática ao longo de 2025 evidencia que, enquanto o apoio retórico e político à Rússia permaneceu consistente, a Ucrânia enfrentou pressão concreta através de suspensão de assistência militar e responsabilização pelo impasse negocial, revelando uma assimetria fundamental na abordagem da Administração Trump à guerra.

O PROCESSO NEGOCIAL: PROPOSTAS, CONCEÇÕES DE PAZ E CONFRONTAÇÃO DE POSIÇÕES

O processo negocial ao longo de 2025 levou à apresentação de várias propostas que revelam concessões fundamentalmente diferentes sobre o que é entendido como uma paz aceitável. A primeira proposta significativa surgiu em março nas conversações de Jeddah e visava um cessar-fogo de trinta dias sujeito à aceitação russa (U.S. Department of State, 2025a). Esta proposta tornou-se pedra angular da diplomacia norte-americana, sendo sucessivamente apresentada como teste de boa-fé russa, paralela à expressão de Marco Rubio de que «a bola agora está no campo da Rússia» (U.S. Department of State, 2025b). Contudo, um cessar-fogo nas posições de então consolidaria ganhos territoriais russos obtidos através de agressão militar, o que se revela inaceitável para a Ucrânia. Aceitar este compromisso sem garantias claras de que o território seria recuperado ou que futuras agressões seriam impedidas equivaleria a legitimar a conquista territorial pela força. Além do mais, a proposta não especificava os mecanismos para assegurar que o cessar-fogo não se tornaria no «congelamento» permanente favorável à Rússia. Face à violação do Memorando de Budapeste – garantias que a Rússia violara em 2014 e 2022 –, a Ucrânia foi sucessivamente afirmando que a assinatura de um documento por si só não oferece garantias de segurança efetivas (The Kyiv Independent, 2024). A Ucrânia procurava especificamente a proteção do Artigo 5.º da NATO, única dissuasão credível contra a Rússia. Contudo, para Moscovo, o cessar-fogo representava apenas um primeiro passo num processo de reconhecimento das anexações, de neutralidade permanente, de desmilitarização e de exclusão da Aliança Atlântica, esta última sucessivamente mencionada por oficiais russos como uma ameaça face à sua «expansão agressiva» (TASS, 2024, 2025). A distância entre as leituras é abismal. Para a Ucrânia, paz significa recuperação da integridade territorial, garantias de segurança claras e salvaguarda das suas escolhas soberanas. Para a Rússia, significa reconhecimento das anexações, neutralidade ucraniana dentro da esfera de influência russa e desmilitarização. A proposta norte-americana inclina-se para acomodar as posições russas, uma vez que o cessar-fogo nas posições de então atendia à consolidação dos ganhos territoriais. Além do mais, a recusa em apoiar a adesão à NATO, já comentada por Hegseth muito antes, atendia à exigência russa de neutralidade ucraniana.

A PROPOSTA NORTE-AMERICANA INCLINA-SE PARA ACOMODAR AS POSIÇÕES RUSSAS, UMA VEZ QUE O CESSAR-FOGO NAS POSIÇÕES DE ENTÃO ATENDIA À CONSOLIDAÇÃO DOS GANHOS TERRITORIAIS.

Em agosto, após a Cimeira EUA-Rússia no Alasca, surgiu uma nova proposta de garantias tipo Artigo 5.º através de um mecanismo alternativo à NATO, uma vez que Trump foi deixando claro que a possibilidade de adesão se tornou um não-assunto. Nas palavras de Trump, «[e]les [os ucranianos] não farão parte da NATO, mas nós temos as nações europeias e eles farão [esse trabalho] [...], alguns deles – França, Alemanha,

Reino Unido – querem ter forças no terreno. Não acho que será um problema, para ser honesto». E continua: «Estamos dispostos a ajudá-los com coisas, principalmente, provavelmente se estiver a referir-se a via aérea, porque não há ninguém que tenha o tipo de coisas que nós temos» (Al Jazeera, 2025b). A proposta de garantias tipo Artigo 5.º da NATO foi avançada, visando a criação de um mecanismo de ação coletiva face a agressão. Uma tentativa clara de contornar o assunto complexo de potencial integração da Ucrânia na Aliança Atlântica. Contudo, se as garantias verdadeiramente espelharem o efeito dissuasor da NATO, por que razão o Kremlin as aceitaria? E de outro modo, se forem de algum modo diluídas para assegurarem o assentimento russo, a capacidade de dissuasão ficará certamente diminuída, ou mesmo sem efeito (Rutland, 2025; Skrypchenko, 2025). Mais uma vez mostrando a política de ziguezague da Administração norte-americana, o enviado especial Witkoff comentou neste contexto que o Presidente russo tinha concordado com garantias de segurança potencialmente «revolucionárias» para a Ucrânia e com a «consagração legislativa» da promessa de não invadir território ucraniano ou outro território europeu no futuro, declarações que Putin não confirmou, bem como não referiu qualquer compromisso desta natureza por parte da Rússia (CNN, 2025a).

O ministro dos Negócios Estrangeiros russo Lavrov foi claro nos seus comentários, sublinhando mais uma vez a posição maximalista russa. Comentou que

como sabemos, Bruxelas e Londres estão a tentar persuadir Washington a abandonar a sua intenção de resolver a crise através de meios políticos e diplomáticos e a empenhar-se plenamente nos esforços para exercer pressão militar sobre a Rússia; por outras palavras, juntar-se finalmente ao «partido da guerra». Estamos atualmente a aguardar a confirmação dos Estados Unidos de que os acordos de Anchorage permanecem em vigor. Gostaria de sublinhar que, apesar do seu carácter essencialmente de compromisso, não abandonámos – e não pretendemos abandonar – os pontos que para nós são fundamentais. O lado americano está bem ciente disso. Ninguém contesta a integridade territorial da Federação Russa ou a escolha feita pelos residentes da Crimeia, do Donbass e de Novorossiia, que tomaram a sua decisão histórica de reunificar a sua pátria através dos referendos de 2014 e 2022. Da mesma forma, não esquecemos a necessidade de eliminar as causas profundas do conflito, que repetidamente realçámos. (MFA Rússia, 2025)

A proposta mais recente, talvez também a mais polémica, e que continua a ser objeto de negociações em múltiplas reuniões e versões, surgiu em novembro com o plano de 28 pontos apresentado à Ucrânia com um prazo de aceitação curto. O acordo foi apresentado como resultado de várias semanas de negociações nos bastidores entre Steve Witkoff e o seu homólogo russo Kirill Dmitriev que excluíram não apenas a Ucrânia e os seus aliados, mas até alguns representantes americanos chave, nomeadamente Marco

Rubio (Drozdiak et al., 2025). A proposta não traz nada de novo, recuperando as exigências maximalistas de Putin. De acordo com o documento, a Ucrânia teria de ceder território, reduzir o tamanho das suas forças armadas e ficaria impedida de aderir à NATO. Territorialmente, o plano reconhecia formalmente o controle russo sobre a Crimeia, Luhansk e Donetsk, congelava Kherson e Zaporizhia nas linhas de então (consolidando 75% da ocupação), e exigia a retirada ucraniana de partes de Donetsk ainda sob controle de Kyiv – território que seria designado «zona desmilitarizada reconhecida internacionalmente como pertencendo à Federação Russa», de acordo com o ponto 21 do plano (Shamim, 2025). Esta última disposição significava que a Ucrânia entregaria território que efetivamente controla, para além do já capturado militarmente. O plano também restabeleceria os laços económicos entre a Rússia e os EUA (Drozdiak et al., 2025).

O rearranjo implicado para a arquitetura de segurança responde essencialmente às exigências de Moscovo, nomeadamente renúncia constitucional da Ucrânia à entrada na NATO com compromisso formal da Aliança de nunca admitir o país, e limitação do exército ucraniano no número de efetivos. As garantias oferecidas em troca ficavam esvaziadas nas ressalvas, dada a compensação americana prevista pela garantia, a anulação automática se a Ucrânia invadissem a Rússia ou lançassem mísseis sobre Moscovo, e a ausência de especificação sobre uma resposta militar efetiva no caso de a Ucrânia sofrer uma nova agressão. As disposições económicas e de justiça revelam uma natureza transacional com um investimento de cem mil milhões de dólares em ativos russos congelados com os EUA a receberem 50% dos lucros; um acordo de cooperação de longo prazo entre os EUA e a Rússia sobre energia, recursos e projetos no Ártico; o regresso da Rússia ao G8; e a amnistia total anulando o mandato do Tribunal Penal Internacional contra Putin, tornando este plano numa exigência de capitulação ucraniana.

As reações foram fortes. Mesmo no seio do Partido Republicano, o senador Mike Rounds comentou que o plano «parecia mais que tivesse sido escrito em russo» (CNN, 2025b). Acusações de que Witkoff é demasiado próximo do Kremlin nas suas posições e de que até aconselha os oficiais russos de como interagirem com o Presidente dos EUA, tornaram-se virais.

Steve Witkoff falou com Yuri Ushakov, oficial russo, a 14 de outubro. O Presidente ucraniano Volodymyr Zelensky reuniu com o Presidente Donald Trump em Washington, D.C., a 17 de outubro. Trump tinha mencionado disponibilidade para vender Tomahawks, mísseis de cruzeiro de longo alcance, ao exército ucraniano. Mas não o fez. Porque não? Talvez porque Ushakov tenha ouvido o conselho de Witkoff e persuadido o Presidente russo, Vladimir Putin, a telefonar a Trump a 16 de outubro. Witkoff, por outras palavras, pode ter ajudado a bloquear esta venda. E isso tornaria Witkoff responsável pelo prolongamento da guerra. (Applebaum, 2025)

Na Europa, os comentários foram cáusticos, afirmando que o plano «compromete a soberania da Ucrânia e estabelece condições para a sua adesão à União Europeia. Estabeleceria um precedente global perigoso se fosse aceite» (The Guardian, 2025a). Zelensky afirmou neste contexto que a Ucrânia estava perante uma escolha impossível entre trair os interesses nacionais e perder um aliado maior (The Guardian, 2025b). A pressão norte-americana sobre Kyiv para aceitar termos que a própria Ucrânia define como capitulação é reveladora da assimetria fundamental da abordagem de Trump. A leitura russa manteve a narrativa de necessidade de reconhecimento da realidade no terreno, bem como das preocupações de segurança legítimas do país.

O DESALINHAMENTO NA ADMINISTRAÇÃO TRUMP: DIVISÕES INTERNAS E IMPLICAÇÕES

Subjacente a esta trajetória diplomática assimétrica, as propostas de paz concretas apresentadas ao longo de 2025 revelam concepções fundamentalmente diferentes sobre o que constitui uma paz aceitável. A incoerência da política externa de Trump não pode ser compreendida sem análise das divisões internas em torno de duas visões: uma

A INCOERÊNCIA DA POLÍTICA EXTERNA DE TRUMP NÃO PODE SER COMPREENDIDA SEM ANÁLISE DAS DIVISÕES INTERNAS EM TORNO DE DUAS VISÕES: UMA BASEADA NA TRADIÇÃO DIPLOMÁTICA E NOS COMPROMISSOS COM OS ALIADOS, REPRESENTADA POR MARCO RUBIO E KEITH KELLOGG; E OUTRA BASEADA NUMA ABORDAGEM TRANSACIONAL E DE PROXIMIDADE COM MOSCOVO, PERSONIFICADA POR STEVE WITKOFF.

baseada na tradição diplomática e nos compromissos com os aliados, representada por Marco Rubio e Keith Kellogg; e outra baseada numa abordagem transacional e de proximidade com Moscovo, personificada por Steve Witkoff. Este último, promotor imobiliário sem experiência diplomática, emergiu como figura dominante nas negociações com a Rússia, reunindo diretamente com Kirill Dmitriev, negociador russo e principal emissário de Putin.

A in experiência de Witkoff revelou-se em episódios que demonstram desconhecimento injustificável. Em março, quando questionado sobre as regiões em disputa, afirmou: «o maior problema neste conflito são as chamadas quatro regiões: Donbass, Crimeia, vocês sabem os nomes, Luhansk e há duas outras». Não conseguiu nomear as quatro regiões ocupadas (Donetsk, Luhansk, Zaporizhia e Kherson), confundiu Donbass com uma região administrativa separada, e incluiu a Crimeia quando esta constitui uma quinta região anexada em 2014. Mais grave ainda, afirmou que as regiões são «de língua russa» e que «houve referendos em que a esmagadora maioria das pessoas indicou que quer estar sob domínio russo» (Reevell, 2025; The Tucker Carlson Show, 2025), legitimando referendos encenados denunciados internacionalmente como ilegítimos.

Keith Kellogg, enviado especial para a Ucrânia, representava o polo oposto. Como antigo general com vasta experiência, tinha sido consistentemente uma voz de apoio à Ucrânia, condenando ataques russos e mantendo um canal próximo com Kyiv. O culminar da marginalização ocorreu em novembro, quando foi confirmado que deixaria o cargo

em janeiro de 2026 (Silverman & Whisnant, 2025). A saída de Kellogg significa que uma das principais vozes favoráveis à posição ucraniana na Casa Branca sai de cena, consolidando a tendência de apoio ao posicionamento de Witkoff, mais favorável a Putin. De notar são as poucas referências nos documentos oficiais a Kellogg, em detrimento de Witkoff. Este último, apesar da sua inexperience manifesta, é próximo de Moscovo e demonstra disposição para aceitar enquadramentos russos que se alinham perfeitamente com a narrativa de Trump como pacificador que mantém «ótimas relações» com Putin. A marginalização de vozes críticas não é, assim, mera contingência política, mas consequência estrutural de como as narrativas dominantes definem quem são os «realistas» pragmáticos (Witkoff) e quem são os «obstáculos» ideológicos (Kellogg).

Marco Rubio, secretário de Estado, havia denominado Putin de «criminoso de guerra» antes de assumir o cargo. Contudo, foi progressivamente constrangido pela preferência de Trump por Witkoff. O episódio relativo aos comentários sobre o plano de paz de novembro ter «mão» russa revelou claramente esta tensão pois Rubio caracterizou privadamente o plano como sendo uma «lista de desejos» russos (CNBC, 2025), tendo sido mais tarde forçado a defendê-lo publicamente, clarificando que embora refletisse prioridades russas, não fora redigido pelos russos (Oswald, 2025). Estas tensões diplomáticas espelham de forma clara os posicionamentos diferenciados, a que acresce o facto de Rubio estar algo afastado de momentos cruciais no processo negocial, como exemplificado pelas viagens de Witkoff a Moscovo, sem a companhia de Rubio.

Este desalinhamento criou oportunidades acrescidas para que a Rússia fosse moldando o processo favoravelmente. Esta dinâmica reflete a transformação mais ampla no processo de decisão. Enquanto havia imprevisibilidade durante o primeiro mandato de Trump, com lógicas de contrapeso a refrearem algumas políticas, neste segundo mandato essas barreiras praticamente desapareceram, com Trump plenamente no comando (Everts & Spatafora, 2025). «A [A]dministração Trump atua com base em lealdade pessoal, narrativas orientadas pelos meios de comunicação social e rutura constante. As decisões anunciadas pela manhã são revertidas à tarde ou no dia seguinte» (*Ibidem*, p. 81). A incerteza e volatilidade associadas a este curso político cedo se tornaram evidentes, com implicações muito claras no processo negocial em curso e, de forma mais lata, no redesenho da ordem internacional.

CONCLUSÃO: NARRATIVAS, PRÁTICAS E EROSÃO DA ORDEM INTERNACIONAL

A política externa da Administração Trump para a Rússia e a Ucrânia em 2025, ao invés de seguir uma estratégia coerente, foi sendo construída por ajustamentos reativos moldados por divisões internas, inexperience diplomática e preferência consistente por acomodação das posições russas. As narrativas dominantes produziram e legitimaram as práticas, moldando percepções favoráveis aos interesses russos, enquanto limitando as opções ucranianas. A narrativa de Trump como pacificador justificou a marginalização de figuras como Kellogg; a naturalização do «compromisso mútuo»

legitimou propostas mais favoráveis à Rússia; a responsabilização de Kyiv validou medidas como a suspensão de assistência militar. Esta interação constitutiva entre narrativas e práticas mostra como a assimetria identificada resulta de uma estrutura de significação que tornou certas escolhas políticas possíveis e aceitáveis, enquanto outras se tornaram impensáveis.

A narrativa mais consequente foi a de Trump como pacificador excepcional, que justificou a centralização da diplomacia na figura presidencial, marginalizando estruturas institucionais e a diplomacia tradicional. Quando a abordagem falhou em produzir os resultados rápidos que Trump esperava, a responsabilidade foi sendo externalizada através da construção narrativa de Zelensky como o principal obstáculo ao processo de paz, levando várias vezes à acusação de «gratidão zero». Se Trump como mediador capaz não consegue de facto negociar a paz, tem de ser porque Zelensky é inflexível, não porque a Rússia não esteja interessada numa paz que preserve a soberania ucraniana. A Rússia explorou cuidadosamente esta dinâmica, com o ministro dos Negócios Estrangeiros russo Lavrov e outros diplomatas russos a elogiarem repetidamente Trump e a sua liderança, e assumindo a importância de relações pessoais amistosas com o Presidente dos EUA. A ligação entre narrativa e prática torna-se visível nestes vários desalinhamentos, com a marginalização de Kellogg e a subordinação de Rubio a afastarem vozes que poderiam questionar esta dinâmica, enquanto a ascensão de Witkoff permitiu que o canal Witkoff-Dmitriev se desenvolvesse fora de constrangimentos institucionais.

A segunda narrativa dominante, a da equivalência nas concessões, normalizou a agressão russa. A formulação de que ambas as partes vão ter de fazer concessões afirma a assimetria presente desde o início. Do lado ucraniano, concessões significam aceitar perda de território soberano através de uma agressão militar e renunciar a escolhas de política externa; do lado russo, significam abster-se de continuar a guerra de agressão que iniciou. Apresentar estas condições como sacrifícios comparáveis cria uma equivalência moral entre agressor e agredido que distorce as dinâmicas desta guerra. Esta narrativa tornou-se evidente na progressão das propostas, com cada iteração a inclinar-se mais para acomodar as exigências russas, progressão que não resultou claramente de alterações militares no terreno, mas antes da escolha clara em dar prioridade a um acordo rápido sobre princípios normativos. A Rússia abraçou entusiasticamente esta narrativa, com Lavrov a comentar em diversas ocasiões que Moscovo sempre esteve disposta a negociar, enquanto os ucranianos se recusam a fazer concessões razoáveis. Cada impasse diplomático resulta em maior pressão sobre a Ucrânia, enquanto a intransigência russa é tratada como um obstáculo técnico que deve ser contornado através de um maior envolvimento com Moscovo, inclusive ao nível dos negócios.

A terceira narrativa dominante é a da Rússia como parceiro com preocupações de segurança legítimas que precisam de ser acauteladas. Este pressuposto contraria décadas de consenso sobre o direito dos Estados soberanos a escolherem as suas próprias alianças e sugere uma aceitação implícita do conceito de «esferas de influência», e da

possibilidade de revisão de fronteiras através do uso da força. Se a Rússia tem direito a vetar escolhas de política externa de vizinhos porque se sente ameaçada, então a soberania desses vizinhos é fundamentalmente qualificada e subordinada às percepções de segurança russas – precisamente a lógica que a invasão procurou impor pela força. A síntese destas narrativas revela uma dinâmica integrada através da qual narrativa e prática se reforçam mutuamente para produzir o favorecimento das posições russas. A assimetria narrativa é reforçada pela assimetria material, pois Kyiv depende de apoio norte-americano e tem de gerir cuidadosamente a forma como contesta as narrativas de Washington. Já Moscovo não tem esta dependência e pode resistir ou explorar narrativas conforme melhor sirvam os seus interesses.

As implicações desta política para a ordem internacional são preocupantes. O precedente estabelecido seria inequívoco, uma vez aceite que a agressão militar pode alcançar objetivos estratégicos se o agressor demonstrar determinação suficiente e se a vítima puder ser isolada diplomaticamente. Se o território pode ser negociado sob coação, se a soberania pode ser limitada através de acordos impostos por assimetrias de poder, se a agressão pode ser recompensada com consolidação de ganhos territoriais e amnistia para crimes de guerra, então as normas estabelecidas no pós-Segunda Guerra Mundial sobre inadmissibilidade da obtenção de território pela força tornam-se letra morta. A erosão dos fundamentos normativos da ordem internacional, nomeadamente do princípio da integridade territorial, da inadmissibilidade da ameaça ou uso da força, do direito dos povos à autodeterminação, está no cerne de uma das consequências mais preocupantes da política de Trump, consequência esta que ultrapassa o conflito russo-ucraniano como ameaça à ordem internacional.

A incoerência da política externa de Trump para esta guerra é o reflexo de escolhas que privilegiam considerações domésticas de curto prazo, como a necessidade de ganhar uma vitória diplomática rápida, oportunidades transacionais de acordos económicos com a Rússia e gestão de divisões políticas internas sobre estabilidade internacional de longo prazo e defesa de princípios normativos. As narrativas dominantes produziram e legitimaram estas escolhas, criando enquadramentos que normalizam a agressão, requalificam o entendimento de soberania e subordinam justiça a conveniência. A interação entre estas narrativas e as práticas concretas da Administração Trump revela um padrão coerente moldado por preferências e incentivos específicos. O ano de 2025 representou, assim, não apenas um capítulo na história das relações entre os EUA, a Rússia e a Ucrânia, mas um momento potencialmente definidor na evolução – ou involução – da ordem internacional. 

Data de receção: 7 de dezembro de 2025 | Data de aprovação: 10 de março de 2026

Maria Raquel Freire Investigadora do Centro de Estudos Sociais e professora catedrática de Relações Internacionais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Está atualmente envolvida nos projetos de investigação ProTest (Horizon Europe) e CARS (Marie Curie Staff Exchange). Os seus interesses de investigação

centram-se nos estudos para a paz, política externa, segurança internacional, União Europeia e Eurásia.

> Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Av. Dias da Silva, 165, 3004-512 Coimbra, Portugal | rfreire@fe.uc.pt. <https://orcid.org/0000-0003-2952-6017>

NOTAS

¹ A autora agradece o apoio da FCT – Mobilidade Outgoing RE-C06-i06-m02 para uma estadia de investigação no Instituto Universitário Europeu em Florença, onde esta investigação foi desenvolvida.

² Salvo indicação em contrário, todas as citações são traduções livres da autora.

³ Letras maiúsculas, como no original.

BIBLIOGRAFIA

Aitken, P. (2025, agosto 17). Steve Witkoff applauds «game-changing» security guarantee for Ukraine. *Newsweek*. <https://www.newsweek.com/steve-witkoff-applauds-game-changing-security-guarantee-ukraine-2114709>

Al Jazeera. (2025a, agosto 20). *No US troops in Ukraine, Trump says*. <https://www.aljazeera.com/news/2025/8/20/no-us-troops-in-ukraine-trump-says>

Al Jazeera. (2025b, agosto 22). *Putin optimistic about Russia-US relations as Trump threatens sanctions*. <https://www.aljazeera.com/news/2025/8/22/russias-lavrov-says-agenda-not-ready-at-all-for-putin-zelenskyy-summit>

Applebaum, A. (2025, novembro 26). Why does Steve Witkoff keep taking Russia's side? *The Atlantic*. <https://www.theatlantic.com/ideas/2025/11/steve-witkoff-ukraine-russia-deal/685081/>

Belin, C. (2025, maio). *MAGA goes global: Trump's plan for Europe*. European Council on Foreign Relations. <https://ecfr.eu/publication/maga-goes-global-trumps-plan-for-europe/>

Cleary, O. A. (2025, março 1). World leaders react to Zelensky and Trump's Oval Office showdown. *Time*. [https://time.com/7263291/zelensky-trump-oval-office-](https://time.com/7263291/zelensky-trump-oval-office-showdown-us-ukraine-world-leaders-react/)

[showdown-us-ukraine-world-leaders-react/](https://www.cnn.com/2025/11/23/rubio-trump-ukraine-peace-plan.html)

CNBC. (2025, novembro 23). *U.S. senators say Rubio told them Trump's Ukraine peace plan is Russia's «wish list». Rubio denies it*. <https://www.cnn.com/2025/11/23/rubio-trump-ukraine-peace-plan.html>

CNN. (2025a, agosto 17). *Analysis: The optimism from Trump's Russia envoy is at odds with Putin's statements*. <https://edition.cnn.com/politics/live-news/trump-putin-zelensky-ukraine-news-08-17-25>

CNN. (2025b, novembro 23). *US senators say Rubio told them Trump's Ukraine peace plan is Russia's «wish list»*. <https://edition.cnn.com/2025/11/23/politics/us-senators-rounds-rubio-ukraine-peace-plan>

Drozdiak, N., Nardelli, A., Parker, M., & Bloomberg. (2025, novembro 23). Secret U.S.-Russia talks led to plan that blindsided Ukraine. *Fortune*. <https://fortune.com/2025/11/23/secret-us-russia-talks-peace-plan-ukraine-war-putin-zelenskyy-trump-rubio/>

Ellyatt, H. (2025, outubro 23). *Stony silence from Moscow after Trump turns on Russia, says talks with Putin «don't go anywhere»*. CNBC. <https://www.cnn.com/2025/10/23/stunned-silence-from-moscow-after-trump-turns-russia.html>

Everts, S., & Spatafora, G. (Eds.). (2025). *Low trust: Navigating transatlantic relations under Trump 2.0* (Chaillot Paper No. 187). EU Institute for Security Studies. <https://www.iss.europa.eu/publications/chaillot-papers/low-trust>

Jasmin, I. A., & Hosen, I. (2025). Geopolitical chessboard: China's belt and road initiative and shifting power dynamics. *Discover Global Society*, 3(140), 1-20.

King's College London News Centre. (2025, março 3). *Understanding the fallout from the Trump-Zelenskyy Oval Office meeting*. <https://www.kcl.ac.uk/news/understanding-the-fallout-from-the-trump-zelenskyy-oval-office-meeting>

Kochis, D. (2025). The Trump administration's belief in multipolarity informs its transatlantic security policy. *European View*, 24(1), 25-34. <https://doi.org/10.1177/17816858251234567>

Lindsay, J. (2025, fevereiro 28). *Trump and Zelenskyy clash in the Oval Office*. Council on Foreign Relations. <https://www.cfr.org/blog/trump-and-zelenskyy-clash-oval-office>

Lukiv, J. (2025, novembro 24). *US and Ukraine signal peace plan progress after Geneva talks*. BBC News. <https://www.bbc.com/news/articles/ce3zwy808dpo>

- MFA Rússia. (2025, novembro 9). Foreign Minister Sergey Lavrov's interview with RIA Novosti, Moscow, November 9, 2025. *The Ministry of Foreign Affairs of the Russian Federation*. https://mid.ru/en/press_service/minister_speeches/2058023/
- Mills, C. (2025). *Ukraine and Russia: A shift in US policy* (Research Briefing). UK Parliament.
- NBC News. (2025, março 3). *Trump turns toward Russia, breaking with decades of U.S. policy*. <https://www.nbcnews.com/news/us-news/trump-turns-russia-breaking-decades-us-policy-rcna194518>
- Oswald, R. (2025, novembro 23). Trump's Ukraine peace effort devolves into chaos over conflicting stories. *Foreign Policy*. <https://foreignpolicy.com/2025/11/23/rubio-ukraine-peace-plan-russia-senators-trump/>
- Politico. (2025, agosto 29). «His inexperience shines through»: Steve Witkoff struggles to manage Russia as Trump peace envoy. <https://www.politico.com/news/2025/08/29/steve-witkoff-russia-ukraine-00533390>
- Reevell, P. (2025, março 24). *Trump envoy Witkoff sparks outcry after backing Kremlin talking points on Ukraine*. ABC News. <https://abcnews.go.com/Politics/trump-envoy-witkoff-sparks-outcry-after-backing-kremlin/story?id=120113827>
- Rutland, P. (2025, agosto 22). *The «security guarantee» paradox: Too weak and it won't protect Ukraine; too robust and Russia won't accept it*. The Conversation. <https://theconversation.com/the-security-guarantee-paradox-too-weak-and-it-wont-protect-ukraine-too-robust-and-russia-wont-accept-it-263518>
- Shamim, S. (2025, novembro 21). *Trump's 28-point Ukraine plan in full: What it means, could it work?* Al Jazeera. <https://www.aljazeera.com/news/2025/11/21/trumps-28-point-ukraine-plan-in-full-what-it-means-could-it-work>
- Silverman, H., & Whisnant, G. (2025, novembro 19). Donald Trump losing key diplomatic adviser. *Newsweek*. <https://www.newsweek.com/keith-kellogg-leave-trump-special-envoy-ukraine-russia-11077065>
- Skrypchenko, M. (2025, outubro 20). *Ukraine does not need a NATO Article 5-like guarantee*. Al Jazeera. <https://www.aljazeera.com/opinions/2025/10/20/ukraine-does-not-need-a-nato-article-5-like-guarantee>
- TASS. (2024, outubro 24). *Putin accuses West of unfair NATO expansion, says Russia will right this wrong*. <https://tass.com/politics/1861869>
- TASS. (2025, novembro 20). *NATO's expansion threats must be neutralized to settle Ukrainian conflict – Lavrov*. <https://tass.com/politics/2046085>
- The Guardian. (2025a, novembro 23). *US and Ukraine promise «updated» peace framework after criticism of pro-Russian points in original plan*. <https://www.theguardian.com/world/2025/nov/23/trump-ukraine-zero-gratitude-peace-plan-international-talks>
- The Guardian. (2025b, novembro 22). *Zelenskyy says Ukraine has impossible choice as Trump pushes plan to end war*. <https://www.theguardian.com/world/2025/nov/21/zelenskyy-says-ukraine-faces-most-difficult-moment-as-trump-pushes-plan-to-end-war>
- The Kyiv Independent. (2024, dezembro 5). «Not a single day did this document work» – Zelensky on 30th anniversary of Budapest Memorandum. <https://kyivindependent.com/not-single-day-did-this-document-work-zelensky-on-30th-anniversary-of-budapest-memorandum/>
- The Moscow Times. (2025, fevereiro 12). *Putin tells Trump «peaceful negotiations» on Ukraine war possible in leaders' first call*. <https://www.themoscowtimes.com/2025/02/12/putin-tells-trump-peaceful-negotiations-on-ukraine-war-possible-in-leaders-first-call-a87976>
- The Tucker Carlson Show. [Tucker Carlson] (2025, março 21). *Steve Witkoff's critical role in negotiating global peace, and the warmongers trying to stop him*. [Video]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=acvu2LBumGo>
- U.S. Department of State. (2025a, março 11). *Joint statement on the United States-Ukraine meeting in Jeddah* [Media note]. Office of the Spokesperson. <https://www.state.gov/joint-statement-on-the-united-states-ukraine-meeting-in-jeddah>
- U.S. Department of State. (2025b, março 17). *Peace through strength: U.S. approach to Ukraine* [Press statement]. Office of the Spokesperson. <https://www.state.gov/briefings/department-press-briefing-march-17-2025>
- U.S. Department of State. (2025c, março 31). *Secretary Rubio's travel to Brussels* [Press statement]. Office of the Spokesperson. <https://www.state.gov/briefings/department-press-briefing-march-31-2025>
- U.S. Department of State. (2025d, agosto 17). *Brennan of CBS Face the Nation* [Interview]. Office of the Spokesperson. <https://www.state.gov/releases/office-of-the-spokesperson/2025/08/secretary-of-state-marco-rubio-with-margaret-brennan-of-cbs-face-the-nation-2/>
- U.S. Department of State. (2025e, agosto 17). *Secretary of State Marco Rubio with Maria Bartiromo of Fox Business Sunday Morning Futures* [Interview]. Office of the Spokesperson. <https://www.state.gov/releases/office-of-the-spokesperson/2025/08/secretary-of-state-marco-rubio-with-maria-bartiromo-of-fox-business-sunday-morning-futures-2>